

AUSLAND

5

Freitag, 24. August 1979 - Nr. 197 - DIE WELT

Frau Premier ermuntert die Portugiesen zur Mitsprache

ROLF GÖRTZ, Lissabon

„Ich glaube nicht, daß die Portugiesen an ihrer Demokratie zweifeln, sie gar für funktionsunfähig halten. Schließlich funktionieren unsere Institutionen. Das Problem ist vielmehr, daß sie zu oft und zu schnell reagieren“, sagt Ministerpräsidentin Maria de Lurdes Pintasilgo in einem Gespräch mit der WELT. Sie antwortete damit auf die Frage nach dem stark nachlassenden Interesse der Portugiesen an der Politik als Folge des allzu häufigen Regierungswechsels.

Mit Schwung und recht realistisch sieht Frau Pintasilgo, die von Staatspräsident Eanes als Regierungschefin eingesetzt wurde, ihre Hauptaufgabe darin, bis zu den „Zwischenwahlen“ Ende November das Interesse der Nation an der Politik „neu zu motivieren“. Dafür hat sie auch einen festen Plan: „Ende nächster Woche nach der Abstimmung über ein paar Finanzfragen wird das Parlament aufgelöst; 90 Tage danach müssen die Wahlen organisiert sein.“

Ihre Landsleute stöhnen schon jetzt: Kurz nach den „Zwischenwahlen“ für das Parlament sind Kommunalwahlen fällig. Mitte 1980 folgen dann die in der

Verfassung vorgeschriebenen Parlamentswahlen, und 1981 wird der Staatspräsident neu gewählt. „Kein Zweifel, das ist ein bißchen zu viel.“

Die fünfte Regierungschefin der ersten Legislaturperiode gibt zu, daß viele Portugiesen der Instabilität müde sind. „Aber deshalb können sie doch wieder geweckt werden“, lacht sie und erinnert an „die Wähler bei den ersten Wahlen nach der Revolution im April 1974, die durch ihre beispielhafte Beteiligung ein hohes Maß an demokratischer Verantwortung zeigten“.

Die Hauptaufgabe ihrer Regierung ist die „Dezentralisierung unserer großen und schwerfälligen Verwaltung“. Den einzelnen Bürger will sie für die Mitarbeit interessieren, ihn auch mehr an der Entscheidung beteiligen. Das soll in der Gemeinde bei den Distrikt- und Provinzverwaltungen beginnen und bis in die Landespolitik reichen. Wahrscheinlich ein volles Programm für die kleine, dunkelhaarige Dame.

Sie weiß von der Furcht vor der Verantwortung „unten“ angesichts des ständigen Wechsels „oben“. „Das heißt für mich — und warum sollte ich das nicht zugeben —, daß meine Regierung eine pädagogische Aufgabe auch gegen-

über dem Staatsapparat hat. Was meinen Sie, was ich jetzt schon alles auf meinem Schreibtisch vorfind — Dinge, die ein leitender Beamter selbst zu entscheiden hat, und die ich ihm deshalb auch zurückschicke.“ Die Demokratie will Frau Pintasilgo von unten neu beleben. (H. Lewandha)

WELTGESPRÄCH

senschaften, Gewerkschaften und Gemeinderäte.

Dennoch werden die Zwischenwahlen, das läßt sich leider schon jetzt absehen, keine klaren Mehrheitsverhältnisse bringen. Die Instabilität, die General Eanes veranlaßte, die Regierung des Sozialisten Mario Soares durch eigene, unabhängige Regierungen zu ersetzen und das Parlament aufzulösen, bleibt erhalten. Lurdes Pintasilgo dazu: „Das äußere Bild mag nach den Wahlen vielleicht dasselbe sein; aber ganz bestimmt werden neue Elemente hinzukommen.“ Vor allem: Der Präsident dürfte sich diesmal mit dem Wahlergebnis abfinden und nicht mehr auf den von ihm bisher

stets geforderten „stabilen Mehrheitsverhältnissen“ bestehen. Die Parteien müssen dann einen Weg finden.

Frau Lurdes Pintasilgo ist politisch unabhängig, bezeichnet sich selbst aber als „fortschrittliche Katholikin“. Sie kommt aus der katholischen Frauenbewegung Crai und sieht deshalb der Linken näher als der Rechten.

Der von den Kommunisten Italiens angestrebte „historische Kompromiß“ läßt sich nach ihrer Ansicht nicht auf Portugal übertragen. „Die italienische Situation ist völlig anders und ebenso der historische Hintergrund, das Temperament der Portugiesen und ihre Art zu leben. Die Christdemokraten Portugals haben überdies erklärt, daß sie sich nie mit den Kommunisten an einen Tisch setzen werden.“

Da die Regierungschefin als Ingenieurin ihre ersten beruflichen Erfahrungen in der Wirtschaftspolitik machte, hat sie auch eine klare Vorstellung von der industriellen Entwicklung des Landes. Für sie ist nicht die Behebung des Defizits in der Zahlungsbilanz das Allerwichtigste. Sie gibt einer mittelfristigen Entwicklung der Wirtschaft Vorrang. „Was fehlt, ist eine koordinierte Industriepolitik, die Wahl zwischen Schwer- und Leichtindustrie.“

Portugal sei in der Vergangenheit der Versuchung unterlegen, wahllos das nachproduzieren, was in anderen Ländern hergestellt würde. „Die Aufgabe meiner und der folgenden Regierungen wird es deshalb sein, uns auf die Bedürfnisse unseres Binnenmarktes und auf die Zusammenarbeit mit der EG zu konzentrieren und uns zu fragen: Was brauchen wir von Europa, was braucht Europa von uns.“ In diesem Sinne will Maria de Lurdes Pintasilgo die private Wirtschaft des In- und Auslandes zu Investitionen ermuntern und die verstaatlichte Industrie wettbewerbsfähig machen.

Auch über die leidige Agrarreform spricht sie offen: „Unsere politischen Führer haben sich zu lange an dem Thema festgebissen. Schließlich stammt aus dem Reformgebiet nur ein Fünftel unserer Produktion, die nur 40 Prozent unseres Bedarfs deckt. Das Problem unserer Landwirtschaft geht weit darüber hinaus. Wenn wir erst einmal wissen, was wir anbauen wollen, dann müssen wir die Landbevölkerung, vor allem die vielen armen Kleinbauern im Norden, zur Zusammenarbeit in Genossenschaften und Kooperativen anregen. Nur anderthalb Kühe auf eine Bauernfamilie, das ist wirklich zu wenig.“ (SAD)



Portugals Regierungschefin Maria de Lurdes Pintasilgo war nach der Revolution von 1974 Sozialministerin, dann Botschafterin bei der Unesco.

FOTO: GAMMA STUDIO X



DIE WELT, 24.8.1979

Diário (matutino), conservador-direita,
grupo Springer

Bonn

247.000 ex.

T r a d u ç ã o

A SENHORA PRIMEIRO-MINISTRO
ENCORAJA OS PORTUGUESES A COLABORAREM

Rolf Goertz, Lisboa

Fundação Cuidar o Futuro

"Não creio que os portugueses duvidem da sua democracia e que a julguem até incapaz de funcionar. De resto, as nossas instituições funcionam. O problema será, antes, que eles reagem muito frequente e rapidamente" - diz a Pri-meiro-Ministro numa conversa com o "Welt". Ela responde, as-sim, à pergunta sobre o acentuado reduzido interesse dos por-tugueses pela política como consequência das demasiadas mu-danças de Governo.

Com ímpeto e bastante realista, a Senhora Pinta-silgo, que foi empossada pelo Chefe do Estado Eanes como Che-fe do Governo, vê como sua tarefa principal "motivar de novo" até às eleições intercalares" nos fins de Novembro o inte-resse da Nação pela política. Também tem para isso um plano estabelecido: "No fim da próxima semana, após a votação sobre um par de questões financeiras, o Parlamento será dissolvido; 90 dias depois, têm que ser organizadas as eleições".



Os seus compatriotas, entretanto, já se admiram: pouco depois das "eleições intercalares" para o Parlamento, realizam-se eleições municipais. Seguem-se então em meados de 1980 as eleições parlamentares prescritas na Constituição e em 1981 será eleito o novo Chefe do Estado. "Não há dúvida, que isto é um pouco a mais".

O quinto Chefe do Governo do primeiro período de legislatura admite que muitos portugueses estão cansados de instabilidade. "Mas por isso mesmo eles poderão voltar a ser despertados", ela sorri e relembra "os eleitores nas primeiras eleições após a Revolução de Abril de 1974, os quais através da sua exemplar participação mostraram um elevado grau de responsabilidade democrática".

A tarefa principal do seu Governo é a "descentralização da nossa grande e pesada Administração". Ela pretende interessar o cidadão comum na colaboração e também a que participe mais activamente nas decisões. Isso deve começar pelos municípios nos distritos e províncias administrativas e ir até à política do país. Na verdade, um programa pleno para a pequena Senhora de cabelos escuros.

Ela tem consciência de receio perante a responsabilidade "em baixo", em vista da mudança constante "em cima". "Isto quer dizer para mim - e porque não deveria eu confessar isso? - que o meu Governo também tem, em relação ao aparelho de Estado, uma tarefa pedagógica. V. bem poderá fazer uma ideia de tudo o que eu já encontrei na minha mesa de trabalho - coisas cujas decisões cabem a um funcionário público superior e a quem portanto também as remeto". A Senhora Pintasilgo pretende, a partir de baixo, voltar a reactivar a Democracia - através de associações profissionais, cooperativas, sindicatos e conselhos municipais.

Todavia - e isso pode infelizmente já prevêr-se - as eleições intercalares não trarão quaisquer relações claras de maioria. Mantêm-se a instabilidade, que levou o General Eanes,

.../...



a substituir o Governo do Socialista Mário Soares por um Governo próprio, independente, e a dissolver o parlamento. Lurdes Pintasilgo a esse respeito: "a imagem externa pode rá talvez ser a mesma após as eleições; mas seguramente ha verá que tomar em conta novos elementos". Sobretudo: O Pre sidente conformar-se-ia desta vez com o resultado das elei ções e não insistiria mais nas sempre até aqui por ele exi gidas "relações de maioria estáveis". Os partidos deviam então encontrar um caminho.

A Senhora Pintasilgo é politicamente independente; qualifica-se porém a si própria de "católica progressista". Provém do Movimento católico de Mulheres "Gral" e encontra-se, portanto, mais próximo da esquerda do que da direita. Segundo a sua opinião, o "compromisso histórico", ambicionado pelos comunistas da Itália, não consegue contagiar Portugal. "A situação italiana é completamente diferente, e bem assim o fundamento histórico, o temperamento dos portugueses e a sua maneira de viver." Os democratas-cristãos de Portugal esclare ceram, além disso mais, que nunca se sentariam a uma mesa com os comunistas".

Dado que o Chefe do Governo teve, como engenheira, as suas primeiras experiências profissionais na política eco nómica, possui também, por via disso uma clara interpretação do desenvolvimento industrial do País. Para ela, o mais impor tante de tudo não é a supressão do défice da balança de paga mentos. Ela consegue perioridade a um desenvolvimento a médio prazo da economia. "O que falta é uma linha geral, básica, à nossa política industrial a opção entre industria ligeira e pesada".

No passado, Portugal sucumbiu à tentativa de repro duzir indiscriminadamente aquilo que era fabricado noutros países. "A tarefa do meu Governo e dos Governos seguintes será, portanto, a de nos concentrarmos sobre as necessidades do nosso mercado interno na cooperação com a EE e dos inter rogarmos: - Que precisamos da Europa e que precisa a Europa



de nós? "Neste contexto, Maria de Lurdes Pintasilgo pretende encorajar nos investimentos a economia privada do País e do estrangeiro e tornar competitiva a indústria nacionalizada.

Ela também fala abertamente sobre a específica Reforma Agrária; "os nossos diferentes políticos debruçaram-se demasiado tempo sobre esse Tema - Na realidade, porém, apenas um quinto da nossa produção, provém da agricultura, que cobre apenas 40 por cento das nossas necessidades. O problema da nossa agricultura é muito complexo. Se começássemos por saber o que primeiramente deveríamos cultivar, então deveríamos motivar a população rural, sobretudo os numerosos pequenos e pobres lavradores do Norte, no sentido de cooperação em sociedades e cooperativas. Apenas vaca e meia por família de lavradores, isso é, na realidade, demasiado pouco!".

Fundação Cuidar o Futuro

SII, 28/8/79

AQ.

